

# **ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA E A FILOSOFIA DA SAUDADE**

José Maurício de Carvalho

Instituto de Filosofia Luso-Brasileira

Palácio da Independência, Largo de S. Domingos, 11, 1150-320 Lisboa

(351) 213241470 | [iflbgeral@gmail.com](mailto:iflbgeral@gmail.com)

Resumo: Neste nosso texto, dissertaremos sobre o estudo da Filosofia da Saudade na obra de António Braz Teixeira.

Palavras-chave: pensamento português, Filosofia da Saudade, António Braz Teixeira

Abstract: In this text, we will discuss the study of the Philosophy of Saudade in the work of António Braz Teixeira.

Key words: Portuguese thought, Philosophy of Saudade, António Braz Teixeira

## 1 Considerações iniciais

Antônio Braz Teixeira se destaca como estudioso da cultura luso brasileira, especialmente da respectiva tradição filosófica. Na caracterização da tradição lusitana ele identifica uma especial atenção dedicada ao problema de Deus que se desdobra em questões de natureza ética e numa metafísica do mal. O problema da saudade, embora tenha outros elementos, também integra essa tradição lusitana, misturando-se com a discussão ontológica e teológica.

O crescente interesse de Braz Teixeira pela filosofia brasileira deveu-se, como ele explicou, à língua comum, base indissociável da atividade especulativa pelos limites que estabelece no aprofundamento dos conceitos. Essa circunstância estimulou o debate entre os intelectuais brasileiros e portugueses e explica a análise que Braz Teixeira dedicou às considerações de Miguel Reale sobre a saudade.<sup>1</sup>

Nesta comunicação, dedicada ao tema da saudade, tomar-se-á por referência o texto que Antônio Braz Teixeira escreveu para o *I Colóquio Luso-Galaico sobre a saudade* e os livros: *Ética, filosofia e religião*; *Formas e percursos da razão atlântica, estudos de filosofia luso-brasileira*; *O essencial sobre a filosofia portuguesa, séculos XIX e XX* e, finalmente o mais importante dedicado ao assunto: *A filosofia da saudade*.

## 2 As bases de uma filosofia da saudade

No capítulo *Introdução à filosofia da saudade*, que se encontra na terceira parte do livro *Formas e percursos da razão Atlântica: estudos de filosofia luso-brasileira*, Braz Teixeira estabelece um roteiro para estudar a tradição filosófica luso-galega da saudade. Além dos marcos históricos ali delineados, depois retomados em outros livros e, de forma sistemática, em *A filosofia da saudade*, o filósofo fez esclarecimentos importantes do assunto. Embora pequeno é um capítulo fundamental para entender os marcos históricos que ele utilizará em outras obras.

Parece-lhe razoavelmente aceito que a saudade seja um sentimento marcante na existência e que também que não seja contestado ser objeto da filosofia. No entanto, o que ele pretende é mais que isso. Ele quer dar uma dimensão mais ampla ao estudo e abordar a saudade como porta de entrada de uma ontologia ou metafísica

---

<sup>1</sup> Esse assunto foi examinado no capítulo que fizemos no livro *Convergências e Afinidades, homenagem a Antônio Braz Teixeira*, onde se explicou que para Teixeira (2008, p. 110): “a possibilidade de se falar em filosofia luso-brasileira nasce, antes de mais nada, do fato, de essas filosofias nacionais possuírem língua comum, o que estimula o diálogo ente os pensadores que integram uma mesma comunidade linguística”.

fundamental, algo parecido ao que fez a fenomenologia existencial com o sentimento de angústia ou o raciovitalismo orteguiano com a noção de sentimento trágico, quando considerou os riscos de viver.<sup>2</sup>

Neste sentido, seu olhar para a tradição especulativa sobre a saudade quer descobrir os elementos de uma filosofia que contempla diversos e profundos problemas da metafísica. Eis o tom que ele espera dar ao assunto: a filosofia da saudade (Teixeira, 2001, p. 157):

Constitui algo de originário e radical, dotado de densidade ou de uma essencialidade ontológica, a ponto de nela se poder fundar um sistema filosófico ou encontrar respostas às primeiras interrogações metafísicas, por envolver ou implicar, em si, a mais séria e decisiva problemática não só antropológica, como também cosmológica e teológica – desde o problema do mal e da liberdade, até ao da realidade do tempo e ao do mesmo modo e do outro e do uno e do múltiplo.

Ao examinar a meditação sobre o tema em Portugal e na Galícia, Braz Teixeira, identifica uma tradição consolidada, mas que (id., p. 158): “em nosso tempo encontrou seu maior desenvolvimento e revelou as suas mais sérias e ricas virtualidades especulativas”. Esse ciclo contemporâneo de aprofundamento temático foi examinado por Braz Teixeira no pequeno livro *O essencial sobre A filosofia portuguesa, séculos XIX e XX* onde afirma (2008, p. 96):

Este novo ciclo na filosofia da saudade teve o seu início no Congresso Luso-Espanhol para o progresso das ciências, realizado em Lisboa, em 1950, com uma comunicação de Joaquim de Carvalho sobre a problemática filosófica da saudade e outra de Afonso Botelho sobre a fenomenologia da saudade no pensamento de D. Duarte, assim se abrindo um debate especulativo e uma linha de reflexão que, nos anos seguintes, encontraria também eco na Galiza e se dirigia em dois sentidos complementares, o da análise do sentimento saudoso ou da saudade como sentimento e o da consideração de seu sentido ontológico e metafísico.

Neste marco hodierno de estruturação do tema, Braz Teixeira destaca a comunicação que Joaquim de Carvalho apresentou naquele evento. Ele diz que Joaquim de Carvalho apresenta a saudade (id., p. 97): “como forma de comportamento perante o presente,

---

<sup>2</sup> No ensaio *Ensimismamiento y Alteracion*, publicado no volume V das *Obras Completas* de Ortega y Gasset publicadas pela Alianza editorial, o filósofo explica que a essência da vida é perigo, viver é arriscar-se, ele afirma ao comentar o pensamento de Nietzsche esclarecendo que não se diz nada novo, como supôs o filósofo alemão, quando se afirma que a vida é arriscada (1994, v. V, p. 307: “Porque ele não diz vive vem alerta, o que estaria bem, mas vive em perigo. E isso revela que Nietzsche, apesar de sua genialidade, ignorava que a substância mesma da vida é o perigo e que, portanto, resulta um pouco afetado e superafetado propormos isso como se fosse algo novo, acrescido e original e que o busquemos e o colecionemos.”

que nem prolonga esse mesmo presente que ela vive, nem antecipa o futuro que ela deseja, pelo que a temporalidade lhe é retrotensa e não protensa”. Logo, para Joaquim de Carvalho a consciência saudosa é a experiência de uma ausência vivida no desejo de voltar a viver. Completa a discussão a intervenção de Silva Lima que a descreve como carência e ausência em exposição em que experiência e memória são apresentadas como categorias fundamentais da saudade.

É nessa perspectiva que devemos entender o estudo da tradição demarcada por Braz Teixeira, com seus grupos e ciclos, que caracterizará o aprofundamento do tema e o delineamento de seus contornos. Ao destacar a contribuição dos diversos autores, Braz Teixeira indica os aspectos de uma filosofia da saudade que ele identifica e explicita.

### **3 A filosofia da saudade, a consolidação de uma tradição investigativa.**

Pensar na contribuição de Braz Teixeira ao tema da saudade nos coloca em contato com o que de melhor a cultura portuguesa produziu sobre o assunto. No livro *A filosofia da saudade*, Braz Teixeira realiza não apenas um levantamento dessa tradição especulativa, mas a organiza<sup>3</sup>.

O livro foi dividido três capítulos que contém outras divisões. No capítulo inicial o autor classifica os estudiosos da saudade em Portugal em três grupos: os que a iniciaram, os que lhe deram tratamento metafísico e, finalmente, os proponentes da consciência saudosa. O capítulo seguinte examina como o problema foi comentado na Galiza espanhola. No terceiro e último capítulo o autor estuda a filosofia da saudade na obra de Miguel Reale. O livro termina com um apêndice onde ele mostra como o assunto também aparece nas poesias angolanas e comenta, para terminar, o ensaio sobre a saudade, até pouco tempo inédito, do conhecido filósofo espanhol José Ortega y Gasset.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> No livro *Saudade*, Ortega y Gasset se refere à saudade como o grande tema lusitano. O que ela representa? Algo erótico como se observa em outros povos? Ortegadiz que não, porque o lusitano tem a vida impregnada pela saudade. E o que é possuir a vida impregnada pela saudade? Eis o que diz: “a saudade não é um tema português, mas o tema português por excelência” (2005, p. 21).

<sup>4</sup> Em edição bilíngüe, a editora Sete Caminhos, da cidade de Lisboa, publicou texto inédito intitulado *Saudade* de José Ortega y Gasset. O filósofo deixou, em uma pasta datada de outubro de 1943 intitulada *notas de trabalho*, apontamentos sobre a saudade e o homem português. A publicação desses escritos num pequeno livro vem precedida de um prólogo de Maria João Monteiro Tavares e por uma nota introdutória elaborada por José Luis Molinuevo. Ambos fazem menção ao fato de que o material encontrado parece ser anotações preliminares para desenvolvimento ulterior. No entanto, ambos reconhecem a importância desses escritos não concluídos sobre a saudade porque eles revelam o esforço do filósofo para pensar o homem português e seu tema fundamental. A leitura da obra

Na introdução, Braz Teixeira explica seu entendimento do assunto, propõe questões em torno do tema e o que considera seja a melhor forma de abordá-lo. O problema essencial é saber se o assunto é “dotado de densidade ou de uma essencialidade ontológica, a ponto de nela se poder fundar um sistema filosófico, por envolver ou implicar em si, a mais séria e decisiva problemática não só antropológica como também cósmica e teológica” (TEIXEIRA, 2006, p. 11). Braz Teixeira considera que sim, como explicou em *Formas e percursos da razão Atlântica: estudos de filosofia luso-brasileira*, separando os estudos dos sentimentos saudosos de uma investigação filosófica mais profunda e original. Ele avalia que existe uma corrente filosófica sobre a saudade em Portugal que, construindo uma tradição de aprofundamento sistemático, encontrou “o seu maior desenvolvimento e revelou as mais sérias e ricas virtualidades especulativas” (id., p. 12).

Braz Teixeira aborda essa tradição em ciclos. No primeiro o assunto aparece sob forma poética e é representado pelo cancionero galaico-português, no segundo destaca a contribuição de D. Duarte que trata do sentimento saudoso, contrapondo-o a outros como o nojo, o pesar, o desprazer, etc. No terceiro ciclo o sentimento saudoso ganha expressão metafísica. A partir daí consolida-se uma investigação filosófica que os próximos ciclos confirmam e deixam ver. Ele reconhece seis ciclos, cujo estudo permite estabelecer duas linhas investigativas, a primeira centrada na consciência saudosa, que cuida de caracterizá-la e diferenciá-la de sentimentos análogos.<sup>5</sup> A outra linha não despreza a abordagem anterior, de caráter psicológico, mas dá ao assunto tratamento metafísico.<sup>6</sup> E como Braz Teixeira organiza essa tradição? Ele o faz em três grupos: o primeiro usa o problema para criar uma descrição fenomenológica do modo

---

publicada revela, contudo, um conteúdo mais amplo, ela mostra aspectos fundamentais da filosofia raciovitalista, em cuja ótica Ortega integra sua investigação sobre a saudade.

<sup>5</sup> Essa forma de abordagem também foi utilizada no livro *Deus, o Mal e a Saudade* onde Braz Teixeira também identifica ciclos para explicar a tradição de abordagem do assunto, como menciona a evolução de uma reflexão inicialmente dedicada ao sentimento saudoso para uma cada vez maior complexidade da problematização do assunto que se tornou uma questão filosófica. Pela semelhança de abordagem e por haver consistido num estudo que foi posteriormente amadurecido em *A filosofia da saudade* deixamos de comentá-lo.

<sup>6</sup> Esse mesmo duplo olhar para a saudade que se encontra no livro *Deus, o Mal e a Saudade*, ainda presente em *A filosofia da saudade* foi comentado por Maria de Lourdes Sigardo Ganho no capítulo intitulado *A saudade em Deus, O mal e a saudade*, integrante do livro *Convergências e Afinidades, homenagem a António Braz Teixeira*. Ela assim comenta o pensamento de Braz Teixeira (2008, p. 186): “E a filosofia que é, para nós diálogo, perplexidade, um perguntar constante, encontra na sua reflexão uma matriz que permite avançar nos caminhos da compreensão da saudade como sentimento e como problema filosófico de pendor metafísico”.

de ser do homem, o segundo integra o sentimento saudoso numa visão panteísta e o terceiro faz uma interpretação teológica da saudade.<sup>7</sup>

Entre os fundadores da filosofia da saudade em língua portuguesa, Braz Teixeira destaca D. Duarte, D. Francisco Manuel de Melo, Silvestre Pinheiro Ferreira e Almeida Garret. Para ele, os dois primeiros podem ser considerados os legítimos criadores das duas linhas fundamentais de investigação. A consciência saudosa deve-se a D. Duarte (1391-1438) em *Leal Conselheiro* e a preocupação metafísica foi iniciada por D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666). D. Duarte diferencia o sentimento saudoso dos demais, caracterizando-o como “o sentimento que o coração experimenta por se achar apartado da presença de alguma pessoa ou pessoas a que tem afeição ou ama ou que espera em breve voltar a encontrar” (id., p. 23). Por sua vez, D. Francisco Manuel também considera a saudade uma paixão da alma, mas nela inclui a falta que surge com a ausência de Deus. Silvestre Pinheiro Ferreira nas *Preleções Filosóficas* afirma que a saudade designa um tríplice sentimento que Braz Teixeira assim resume: “amor de um objeto ausente (...), desejo de vê-lo ou recuperá-lo e a dor da ausência que torna o ser saudoso como que insensível a tudo o que o rodeia e o faz sentir-se só mesmo no meio da sociedade em que porventura, viva ou se encontre” (id, p. 26).

Na continuidade do capítulo inicial de *A filosofia da saudade* encontram-se os proponentes de uma metafísica da saudade, começando por Teixeira de Pascoais. O filósofo trata a saudade como “o desejo da coisa ou criatura amada, tornado dolorido pela ausência” (id., p. 30).<sup>8</sup> O sentimento incorpora elementos como a esperança e a lembrança, com os quais descreve a alma portuguesa. Por isso Pascoais identifica a expressão da saudade com o modo de ser português. Braz Teixeira comenta ainda a intuição platônica de D. Francisco Manuel que a considera um sentimento oriundo do rompimento com a perfeição originária. Pascoais vai além desta diferenciação, pois situa sua origem no estado que precedeu a criação, quando o homem era ainda pura possibilidade na mente de Deus. É esta origem divina do cosmo que o faz se mover em

---

<sup>7</sup> No capítulo que escreveu para o livro *Convergências e Afinidades, homenagem a António Braz Teixeira*, Jorge Teixeira da Cunha aborda precisamente a questão ao esclarecer que a abordagem metafísica e ontológica da saudade, segundo Braz Teixeira, realizou-se em três caminhos (2008, p. 436): “o caminho da reflexão existencial, o caminho da visão cósmica panteísta, pressupondo uma cisão radical do ser, outros, finalmente, a caminho da interpretação teológica da saudade”.

<sup>8</sup> No capítulo *Mestre António Braz Teixeira*, igualmente integrante do livro *Convergências e Afinidades, homenagem a António Braz Teixeira*, Anna Maria Moog Rodrigues destaca a admiração de Braz Teixeira por Pascoais e o insere na terceira geração da Escola do Porto. Afirma (2008, p. 53): “Braz Teixeira também pertence à terceira geração da Escola do Porto, fundada por Leonardo Coimbra e continuada por José Marinho e Álvaro Ribeiro.

crescente espiritualização para resgatar a matéria. A meditação de Teixeira de Pascoais foi aperfeiçoada por Leonardo Coimbra que recompõe a ideia de infinito, evolução e retorno. Apesar das afinidades espirituais, os dois filósofos divergem em muitos pontos, em especial naqueles que formam a ontologia de Leonardo Coimbra. Explica Braz Teixeira (2006, p. 42): “a concepção pluralista ascendente e finalista, a ideia de universo, a distinção entre natureza e transnatureza e o papel ontológico que atribui à memória”. O sentido metafísico da saudade aparece quando Leonardo estuda a memória, considerando-a responsável pelas características do ser. A saudade aparece como sombra do homem, pois sempre o acompanha quando que ele esquece algo. Leonardo conclui a necessidade de Deus, entendido como consciência que planeja o mundo e de um vínculo entre o conhecimento humano e divino. Assim, a saudade tem origem no vínculo remoto com o criador, que foi perdido com o pecado original e é alimentado pela esperança da salvação. O resgate do que há de divino no homem aparece primeiro na revelação e depois na encarnação de Deus. O amor humano traduz a saudade de Deus, pois liga a existência com o Criador. No entanto, a saudade não está só no âmago da criatura, o filósofo a transporta para o cerne da realidade divina. “Deus, se não fora Criador, sentiria saudade das criaturas que não havia ou que Deus cria para não ter saudade ou por causa da saudade, ou seja, que também para ser divina a saudade tem fundo sentido e será o sublime e amoroso motor que move à criação” (id., p. 48).

Na segunda metade do século XX a meditação sobre a saudade ganhou impulso com a fenomenologia existencial cujos representantes foram: Joaquim de Carvalho, Delfim Santos e Cabral de Moncada. Inspirado nesse movimento de inspiração existencial, a poesia de António Dias Magalhães propõe que a saudade é expressão da consciência, porém num nível mais profundo do que o encontrado pelos existencialistas em outras vivências como desespero, angústia, náusea ou absurdo. Ao fazê-lo, a filosofia da saudade se apresenta, melhor que as formulações existencialistas, “como a mais pura e original vivência existencial espiritual sentimental” (id., p. 53). Outro representante deste período é José Marinho que não chegou a propor um estudo sistemático da saudade, mas a examinou em diversas ocasiões. Ele referiu-se à saudade como expressão da vida humana em face do tempo. E para falar do contato original com Deus no início dos tempos estabelece uma relação entre a ontologia da saudade e a teoria do mito, assim resumido por Braz Teixeira (id., p. 60): “Deste modo o sentido do mito era o de que o passado aparece sempre ao homem como o que deseja ser

lembrado, como o que não merecia ter-se tornado passado, pois é o mais efetivamente presente”. Aproximando o mito primitivo da ontologia da saudade, Afonso Botelho insere-se nesse período. Explica Braz Teixeira que Botelho entende que no mito não se fala de uma memória que reproduz o passado, mas de uma memória originária do ser. A essência da saudade, para Botelho, anula os limites que afastam o homem daquele instante originário onde há um vínculo com o divino. Uma distinção entre sentimento e pré-sentimento permite a Botelho falar do futuro que aparece sob a forma de destino originado no presente sensível. Os símbolos que formam os mitos colocam o homem em contato com o paraíso perdido, ativando a memória e os arquétipos que o representam. Traduzindo de forma poética esta intuição originária Afonso Botelho dialoga com Joaquim de Carvalho. Por sua vez, Dalila Pereira da Costa não entende a saudade como conceito, mas “como um movimento e uma ação, como algo cuja natureza é, eminentemente concreta, vivida e prática” (id., p. 73). Para a pensadora a saudade nasce do esforço de recuperação do vínculo original com Deus, sendo prova de imortalidade e possibilidade de anular o tempo, tornando-o reversível desde sua origem. Pelo significado que tem, a saudade remonta a origem da vida humana anulando o tempo e, adicionalmente incorporando o paganismo no cristianismo. Pinharanda Gomes é outro pensador que fala da saudade como um vínculo com Deus, dando-lhe realidade ontológica porque a saudade tem existência e se opõe à nulidade. Herdeiros deste movimento de feição existencial, três jovens pensadores Manuel Cândido Pimentel, Paulo Borges e António Cândido Franco levam adiante o legado de Pascoais e Leonardo. Eles aprofundam o significado do vínculo humano com o impulso originário que é a saudade da pátria eterna ou saudade do absoluto. A existência se desenvolve em torno desta origem mítica, com a qual o homem não pode romper.

O aprofundamento da consciência saudosa, na trilha da fenomenologia é o outro caminho percorrido pela filosofia portuguesa. Esta outra via investigativa constitui o item terceiro desse capítulo inicial e confere destaque especial ao legado de Joaquim de Carvalho que, em estudos magníficos, orienta colaboradores a tratar do tema. Para Carvalho “a todo ser consciente e temporal é inerente à possibilidade de estabelecer uma relação valorativa como o estado em que se encontra ou a situação que anteriormente viveu” (id, p. 104). Entendido como fenômeno humano, a saudade aparece na consciência. O conhecido professor coimbrão pensa a saudade a partir de noções como ausência e desejo, dando menor importância à ideia de memória ou lembrança que será retomada por seus continuadores. O primeiro deles Silvio Lima



olha a saudade como expressão da bidimensionalidade da consciência que cria um nexos entre o passado e o presente, atualizando o que ficou para trás no tempo. Aluno de Joaquim de Carvalho e Silvio Lima, Eduardo Soveral é outro filósofo que examina a saudade tendo por base a recordação. Este movimento intelectual conta também com a colaboração de Eduardo Lourenço, Vergílio Ferreira, João Ferreira. Este último acrescenta um elemento novo ao considerar que na origem da saudade está a solidão ontológica,<sup>9</sup> expressão da singularidade humana, tema fundamental das filosofias da existência.

De fato, devemos ter presente que a ontologia existencial, recorde-se a filosofia de Martin Heidegger, considera que o homem emerge do nada e nessa condição lança-se numa existência sem garantias e estando sem referências, perde-se no quotidiano e se afasta de uma vida propriamente humana. É importante observar, na descrição de Braz Teixeira, que a solidão ontológica, encontra para esses autores, na saudade do primitivo, a referência que os conduzirá à vida autêntica. Aquilo que alguns existencialistas encontrarão diretamente em Deus como forma de assegurar a autenticidade da vida e que o culturalismo brasileiro descobrirá nos valores, como está assinalado em *O Homem e a Filosofia* (Carvalho, 2006, p. 42): “valores que adquirem perenidade para a constituição de uma cultura” e que (ibidem): “experimentados permitem conceber caminhos para ir ao futuro”.

Outra importante contribuição, para a filosofia da saudade na tradição portuguesa, é a obra de Afonso Botelho *Do amor e da morte* (1996). Teixeira a examina num capítulo que dedica ao autor no livro *Ética, Filosofia e Religião* (1997).<sup>10</sup> Afonso Botelho entende que saudade tem origem na temporalidade do homem que integra, num único amor, a realidade que os gregos dividiam em *eros* e *ágape*.<sup>11</sup> Ele recusa entendê-la,

---

<sup>9</sup> No capítulo 8 de *O Homem e a Filosofia* explica-se o significado de solidão ontológica como decorrente da singularidade existencial, diferenciando-a dos sentimentos de solidão e angústia. Eis como isso foi feito (Carvalho, 2007, p. 99): “Insistimos na distinção urgente e necessária entre a consciência de finitude, que sustenta a angústia tomada como experiência fundamental da vida (ontológica), do sentimento de solidão que nos afasta dos outros. A primeira advém do fato de estarmos no mundo uma única vez, sob a ameaça de nos desfazermos nas coisas, de não conseguirmos operar a transcendência para o futuro, a segunda é resultado de havermos perdido a capacidade de solidarizarmos ou amarmos alguém, isto é, ela surge quando abdicamos da experiência possível de transcendência até o outro. Neste segundo caso, a angústia é o motivo de sofrimento psicológico que não está necessariamente presente no primeiro”.

<sup>10</sup> Uma análise parecida encontra-se num capítulo intitulado *A filosofia saudosista de Afonso Botelho* que está na terceira parte do livro *Formas e percursos da razão Atlântica: estudos de filosofia luso-brasileira*, p. 203-216, igualmente realizada a partir do livro *Teoria do Amor e da Morte*.

<sup>11</sup> Nicola Abbagnano explica no *Dicionário de Filosofia* essas duas formas de amor como se segue (1982, p. 37): “Os gregos viram no Amor sobretudo uma força unitiva e harmonizadora e entenderam-na sobre o fundamento do amor sexual, da concórdia, da política e da amizade. Platão nos deu o primeiro

quer como sentimento de solidão, quer como passadismo. Parece-lhe que a condição metafísica da saudade é a ausência, da qual a morte é a expressão mais plena. A saudade não destrói a esperança do reencontro que a perda provoca, ou como sintetiza Teixeira (1997, p. 241): “a saudade implica o princípio da reintegração do tempo, ou o que é o mesmo, o tempo sem ser a eliminação do tempo, porque o completa”. Botelho situa a origem fundamental da saudade na perda do paraíso perdido, pois reflete a presença de Deus e a compresença dos seres no passado, presente e futuro. Assim é porque não morre o que continua vivo e não faz sentido essa tripartição do tempo em passado, presente e futuro. A saudade é, ainda, expressão de lealdade ao amado. Botelho ainda distingue na saudade o que é sentimento do pré-sentimento. O primeiro (id., p. 242): “é laço de comunidade dos seres que torna comum certos momentos do ser e faz o presente o passado, o pré-sentimento, profetiza o futuro e o destino, fazendo-o nascer de um presente sensível, permitindo que a individualidade (...) inunde as divisões infinitas do tempo”.

No capítulo segundo de *A filosofia da saudade*, Braz Teixeira examina como o assunto foi tratado na Galiza, região da Espanha constituída pelas províncias de La Coruña, Orense, Pontevedra.<sup>12</sup> Os primeiros passos de uma filosofia da saudade na Galiza remontam ao século XIX. Para Braz Teixeira esses passos foram dados pelo poeta Ramón Cabanillas (1876-1959) “que empreenderá a primeira tentativa verdadeiramente consistente do ponto de vista reflexivo, para apreender o sentido metafísico e religioso do sentimento saudoso” (TEIXEIRA, 2006, p. 121). Para o poeta, o sentimento saudoso é mais vital e vivencial do que literário. Dele fazem parte recordação e desejo como também consideraram Leonardo Coimbra e Teixeira Pascoais. No entanto, há uma diferença básica entre a proposta dos portugueses e a do filósofo galego. Cabanillas explica que “a primeira é messiânica e se encontra indissolúvelmente ligada à crença sebastica no rei Encoberto, a segunda é saudade da terra” (id., p. 123). Outro autor que deixou contribuição sobre a saudade na Galiza é o escritor Rafael Dieste (1899-1981). Para Rafael a saudade é um desejo insatisfeito e sempre retomado. Ele o define como “delícia de não chegar e angústia de prosseguir”

---

tratado filosófico do Amor, nele assumem-se e conservam-se os caracteres do amor sexual; e ao mesmo tempo tais caracteres são generalizados e sublimados. Em primeiro lugar o amor é falta, insuficiência, necessidade e ao mesmo tempo desejo de adquirir e de conquistar o que não se possui (...). Em segundo lugar, o Amor se dirige para a beleza a qual outra coisa não é senão o anúncio e aparência do bem, logo, desejo do bem”

<sup>12</sup> Esse mesmo assunto foi considerado em capítulo da parte III do livro *Formas e percursos da razão Atlântica: estudos de filosofia luso-brasileira*, p. 225-244.

(id., p. 127). Coube ao escritor o mérito de ter compreendido que a saudade mantém essencial relação ontológica com o problema do tempo o que faz dele, na avaliação de Braz Teixeira, o verdadeiro iniciador da metafísica da saudade entre os galegos. Outro nome destacado por Teixeira é o de Ramón Otero Pedrayo (1888-1976) que vincula a questão da saudade com a atividade especulativa. Embora seja um sentimento a saudade não deixa de ser igualmente objeto do pensar. “Refletindo sobre ela os homens dão-se conta de que a saudade sustenta o impulso criador, consola e faz companhia, destila em nós as melhores essências da poesia, liberta da arrogância intelectual” (id., p. 130). Outros autores são mencionados fato que permite ao autor concluir pela existência de uma filosofia da saudade entre os galegos. Ela parte da visão antropológico-existencial e se abre à dimensão cósmica ou panteísta até alcançar o plano da transcendência ou do Absoluto.

Como complemento desse capítulo deve-se acrescentar a comunicação *A saudade no pensamento de Xoan Rof Carballo* (1905-1994) que Braz Teixeira apresentou no *I Colóquio Luso-Galaico sobre a saudade*.<sup>13</sup> Para Teixeira, o esforço especulativo de Carballo se insere no movimento saudoso que ganhou força na década de cinquenta do século passado. Ele se encontra entre a visão piñeriana de saudade como sentimento puro e a interpretação panteísta de Daniel Cortezón. Resume Teixeira (1996, p. 146):

A saudade é a condensação de uma realidade ontológica de decisiva importância em todo o ser humano, é, a um tempo, solidão extrema, solidão no mais sombrio da nossa alma, que faz sofrer aquele que experimenta o sentimento saudoso, e a nostalgia de algo muito fundo na memória do homem.

O pensador galego associa a saudade a uma circunstância temporal, julgando-a própria dos povos da montanha e daqueles que tem natureza exuberante onde menos se destaca a força criadora do homem. A essa dupla realidade se associa a névoa ou um *pathos* de distância que se encontra nos povos que vivem à beira do mar. O caráter numinoso da saudade revela o temor da morte e do futuro incerto que estabelece uma específica relação com o passado. Trata-se de uma verdade escondida da natureza humana que se manifesta na saudade do paraíso perdido, ou melhor, não como uma fascinação pelo que se foi, mas (id., p. 148): “por não haver esquecido que o paraíso existe ou existiu algum dia, para cada um de nós, a possibilidade da solidão lúcida (...) nostalgia de uma primitiva segurança mágica”. Essa perda ultrapassa a dimensão psicológica, consciente ou inconsciente, e é parte do ser do homem pelo vínculo que

---

<sup>13</sup> Essa comunicação foi transcrita no livro *Ética, Filosofia e Religião*, p. 225-230.

estabelece com a natureza ou com o arquétipo celeste. Essa relação diferente que estabelece com a natureza explica porque não olha para ela como um objeto a ser dominado, mas (id., p. 150): “conserve no seu íntimo um anseio de identificação com a Natureza, de modo a formar com ela uma unidade, que, ao quebrar-se ou ao cindir-se, provoca como que uma morte da alma, a morriña”.

No capítulo final de *A filosofia da saudade*, Braz Teixeira examina, ainda as considerações do filósofo brasileiro: Miguel Reale.<sup>14</sup> Ele afirma que o assunto foi pensado por Reale em dois eixos: pelo vínculo com a solidão e pela relação com a temporalidade existencial. A solidão que menciona não significa a recusa do convívio humano, mas como ensimesmamento que propicia melhor compreensão da vida e da presença do outro. O segundo eixo é o que apresenta o sentimento saudoso como capaz de superar a ausência, o que o aproxima da experiência religiosa. O marcante na interpretação de Reale é ver a saudade como característica da temporalidade humana que “apresenta, um sentido de provisoriedade, resultante da essencial e radical finitude humana” (id., p. 154). A análise de Reale, entendida como parte do pensamento conjectural com a qual o brasileiro trata os assuntos da metafísica, somente revela alguma semelhança com fenomenólogos portugueses como Joaquim de Carvalho e Delfim Santos.

O apêndice de *A filosofia da saudade* está dividido em duas partes, Braz Teixeira avalia primeiro a expressão e sentido que a saudade assumiu entre poetas angolanos. Entende que “a saudade apresenta uma dimensão antropológica não se encontrando (entre eles) nenhuma voz lírica em que ecoem ou se exprimam às dimensões cósmica e divina da saudade” (id., p. 170) como ocorre na tradição portuguesa. Na outra parte, há um comentário do ensaio publicado sobre a saudade do filósofo espanhol José Ortega y Gasset. Para Ortega, a saudade é uma das formas típicas do homem português e se manifesta entre a ânsia de partir, que se realizou com as grandes navegações e o desejo de voltar que surge depois dos descobrimentos. Ortega enxerga na saudade mais do que expressão erótica, como aparece em outros povos, trata-a como expressão simples da falta das coisas comuns e corriqueiras presentes na vida, das quais sente falta o homem português.

---

<sup>14</sup> Num capítulo da parte III do livro *Formas e percursos da razão Atlântica: estudos de filosofia luso-brasileira*, p. 245-251 Braz Teixeira examina a hipótese de se considerar o filósofo brasileiro Miguel Reale inserido na tradição luso-galega de abordagem da saudade.

#### 4 Considerações finais

A análise de Braz Teixeira permite identificar, na tradição portuguesa, diferentes manifestações culturais sobre a saudade, o pensamento saudoso recebe tratamento poético, filosófico e teológico. No que se refere às abordagens filosóficas encontra o autor elementos para a constituição de uma tradição investigativa que alcança a Galiza e o Brasil, mas de grande repercussão na filosofia portuguesa.

Os livros comentados oferecem um amplo panorama do problema. O ponto alto da discussão é a identificação de uma filosofia da saudade que se desdobra no estudo de uma tradição presente nos filósofos portugueses e galegos. Além dos comentários ao pensamento dos autores, o livro tem o mérito de propor uma organização do assunto de modo a permitir que se possa entender os aspectos de uma filosofia da saudade, deixando depois a cada estudioso a liberdade de ir a este ou aquele autor para com ele dialogar. Com seus estudos sobre a saudade, Braz Teixeira se firma como um dos mais notáveis estudiosos contemporâneos da metafísica ibérica e insere o tema da saudade na tradição filosófica portuguesa.

No que se refere à sua análise do pensamento de Miguel Reale, é necessário acrescentar que o tema da saudade é questão periférica da extensa meditação do jusfilósofo sobre a cultura. Como observa Braz Teixeira ela também tem marcos do sentimento saudoso, como, por exemplo, em poemas como *Amor e Tempo*.<sup>15</sup> E, no que se refere especificamente ao pensamento filosófico, encontra-se a saudade, além dos aspectos fenomenológicos assinalados por Braz Teixeira, vinculada aos valores, como Reale diz em *Variações* como a que escreveu sobre a morte.<sup>16</sup> Valores que, como se sabe, para ele amarram e consolidam a cultura.<sup>17</sup>

Finalmente, se deve destacar, como comentário final que, na compreensão de Braz Teixeira, a reflexão filosófica sobre a saudade, quando se considera as tradições

---

<sup>15</sup> Um dos versos do poema *Amor e Tempo* diz assim (1965, p. 76): “Tempo e amor vão de mãos dadas como jovens deuses pagãos, selecionando os segundos para compor a saudade que é modo de perdurar (...). E conclui mais adiante (ibidem): “fixa o amor o que no tempo se deve preservar; apaga o amor o que no tempo há de se apagar”.

<sup>16</sup> No livro *Variações*, escreveu Reale *Sobre a morte* (1999, p.187): “por outro lado, a morte, que constitui uma fratura na teia de nossos sentimentos, ensina-nos a ver o mundo com outros olhos. Aprende-se a viver com lágrimas nos olhos, quando menos se espera, ao acontecer algo, por ínfimo que seja, capaz de suscitar uma lembrança. Surge uma vida substancialmente dupla, uma perdida nas preocupações da experiência quotidiana, outra presa a uma visão transcendental, no qual só têm sentido os valores essenciais, a espera a todo instante convertida em esperança”.

<sup>17</sup> Miguel Reale escreve em *Cinco temas do culturalismo* que (2000, p. 10): “cultura é objeto genérico que compreende os objetos específicos, não como totalidade quantitativa indiferente, mas no sentido de que os abrange tais como são de per si, em suas mútuas relações distintas, isto é, *como eles são enquanto devem ser* (grifo do autor), cada um deles em razão de seu ser próprio e de seu próprio dever ser”.

estudadas, contempla uma análise do sentimento saudoso e forma uma tradição filosófica, pois revela um modo de ser do homem, no espaço e no tempo. É um produto do espírito que considera a experiência vivida nas considerações sobre a existência humana.

## Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2. ed., São Paulo, Mestre Jou, 1982. 976 p.
- CARVALHO, José Mauricio de. *O homem e a Filosofia, pequenas meditações sobre a existência e a cultura*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2007, 236 p.
- \_\_\_\_\_. Braz Teixeira e o esforço de caracterização de uma filosofia luso-brasileira. In: Vários. *Convergências e Afinidades, homenagem a António Braz Teixeira*. Lisboa, Universidade Católica Portuguesa e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008, p. 107-123
- CUNHA, Jorge Teixeira. A saudade entre o mesmo e o outro. Uma variação ética sobre o tema da saudade. In: Vários. *Convergências e Afinidades, homenagem a António Braz Teixeira*. Lisboa, Universidade Católica Portuguesa e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008, p. 434-441.
- GANHO, Maria de Lourdes Sigardo. A saudade em Deus, o Mal e a Saudade. In: Vários. *Convergências e Afinidades, homenagem a António Braz Teixeira*. Lisboa, Universidade Católica Portuguesa e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008, p. 182-186.
- ORTEGA Y GASSET, José. Ensimismamiento y Alteración. *Obras Completas*. 2ª reimpresión, v. V, Madrid, Alianza, 1994, p. 291-375 p.
- \_\_\_\_\_. *Saudade*. Lisboa: Sete Caminhos, 2005.
- REALE, Miguel. *Poemas do amor e do tempo*. São Paulo, Saraiva, 1965, 173 p.
- \_\_\_\_\_. *Variações*. São Paulo, GDR, 1999, 190 p.
- \_\_\_\_\_. *Cinco temas do culturalismo*. São Paulo, Saraiva, 2000, 56 p.
- RODRIGUES, Anna Maria Moog. Mestre António Braz Teixeira. In: Vários. *Convergências e Afinidades, homenagem a António Braz Teixeira*. Lisboa, Universidade Católica Portuguesa e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008, p. 52-54.
- TEIXEIRA, António Braz. A saudade no pensamento de Rof Carballo. In: *Actas do I Colóquio Luso-Galaico sobre a saudade*. Viana do Castelo, Câmara Municipal, 1996. p. 145-151.
- \_\_\_\_\_. *Ética, Filosofia e Religião*. Évora, Pendor, 1997. p. 246.
- \_\_\_\_\_. *Formas e percursos da razão atlântica: estudos de filosofia luso-brasileira*. Londrina, EDUEL, 2001, 331 p.
- \_\_\_\_\_. *A filosofia da saudade*. Matosinhos, Quidnov, 2006. 175 p.
- \_\_\_\_\_. *O essencial sobre a filosofia portuguesa, séculos XIX e XX*. Lisboa, Imprensa Nacional, 2006, 123 p.